

ALGUNS ASPECTOS DO MARXISMO E DO ESTRUTURALISMO

*Andrea Borba**

Introdução

Faremos ver que é demasiado frágil descobrir pontos de encontro e de desencontro entre o Estruturalismo e o Marxismo. Temos, em verdade, que dissecar os assuntos (filosofias?...) para, antes que tudo, estabelecermos suas óticas comuns e/ou adversas.

Assim, ao invés de, comodamente, indicarmos que:

“O MARXISMO É UM HUMANISMO
O MARXISMO É UM ANTIEMPIRISMO=ESTRUTURALISMO
O MARXISMO É HISTORICISTA
O MARXISMO É UM ANTIPSICOLOGISMO=ESTRUTURALISMO
O MARXISMO É UM ANTISOCIOLOGISMO=ESTRUTURALISMO”

Tentaremos, de forma menos genérica, seguir um critério mais específico, tanto de estilo quanto de fundo.

Cumpramos distinguir, seja por ordem cronológica ou sistemático-histórica, as fases do Marxismo. Tomando de empréstimo a classificação do filósofo Juan António Nuño, vislumbramos um tipo clássico, ortodoxo e heterodoxo. O Estruturalismo, a nosso ver, contém traços comuns, em maior número, com o marxismo ortodoxo, de que foi figura representativa Lênin. Acreditamos, além disso, que o Estruturalismo, aqui como concepção do mundo e “estrutura” orgânica, corresponde,

* Andrea Borba é Professora de Ciência Política.

precisamente a fase da História humana que Marx chamou de comunismo. E quando Althusser analisa o estruturalismo, sob o prisma marxista, ele o faz com base na fase ortodoxa. Daí por que, apesar das críticas que lhe dirigiu Carlos Nelson Coutinho, seu pensamento é coerente, e a identidade, que construiu em sua obra, perfeitamente válida. Ao estudioso brasileiro, pois, a falha cometida de uma visão parcial da matéria pensada. Outra confusão corrente, em o *ESTRUTURALISMO E A MISÉRIA DA RAZÃO*, repousa, quanto ao âmbito gnoseológico, em estender aos marxismos a teoria do reflexo, a qual se restringe ao marxismo leninista.

1. Marxismos e Estruturalismo

“O estruturalismo é profundamente procura de inteligibilidade. É um modo de afirmar a inteligibilidade profunda do que existe e de afirmar uma fé na capacidade da razão humana de atingir algo dessa inteligibilidade”,

diz Lepargneur (p. 516).

O estruturalismo rebaixa o questionamento ontológico-genético, para debruçar-se sobre a operação funcional do Ser, e captar, deste modo, as “regras do jogo”.

A inteligibilidade do que existe constitui requisito de máxima importância, e é nessa inquirição operacional do que existe que as concepções de “visível”, e “invisível”, “aparência” e “realidade”, “alienação”, “ser” e “ter”, começam a conter um peso conceitual.

“Da concepção moderna, operacional, da razão, decorre necessariamente a idéia central do estruturalismo: a do primado da relação em face do ser e do primado do todo em face das partes.”

(Garaudy, p. 60)

“Afinal, me é inteiramente indiferente o fato de que o espírito humano melhore ou não. O que me interessa é saber como funciona, eis tudo.”

(Lévi-Strauss, *Respostas a algumas questões*, apud Carlos Nelson Coutinho, p. 92)

Conclui-se, destas assertivas, que o homem, como elemento impulsionador de mudanças, vontade objetivada em luta com a Natureza, escapa ao núcleo do estruturalismo. O homem apresenta-se como um dado do sistema em funcionamento, apenas uma peça do jogo combinatório de relações, impotente para engendrar mudanças e comandar operações.

Acreditamos que se faz mister um parêntese para que possamos distinguir o estruturalismo, como teoria do conhecimento apenas, e como filosofia. No primeiro enfoque, trata-se de demonstrar seu método e modo de conhecimento, de saber. No segundo, o seu conteúdo.

Confrontando dois postulados da doutrina marxiana, ao texto de Foucault e ao de Lévi-Strauss, supracitados, cremos obter esta distinção. Escrevem Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*:

“Em contraste direto com a filosofia alemã, que desce do céu para a Terra, nós subimos da Terra para o céu. Ou seja, não partimos do que os homens dizem, imaginam, concebem, nem dos homens como são narrados,

considerados, imaginados, concebidos, para chegarmos aos homens de carne e osso. PARTIMOS DOS HOMENS REAIS, ATIVOS, E, COM BASE NO SEU PROCESSO-VIDA REAL, demonstramos o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos deste processo-vida. ... Este método de tratamento não é destituído de premissas. ...AS SUAS PREMISSAS SÃO OS HOMENS, NÃO EM QUALQUER ISOLAMENTO FANTÁSTICO OU DEFINIÇÃO ABSTRATA, MAS NO seu verdadeiro processo de desenvolvimento empiricamente perceptível em condições definidas. ... (grifos nossos)''

(Marx-Engels, in Sobre Literatura e Arte, pp. 49-50.

Um outro texto nos ajudará a elucidar estes planos teóricos. Desta vez é Althusser quem diz:

“O conhecimento, trabalhando sobre seu ‘objetivo’, não trabalha sobre o objeto REAL, mas sobre sua própria matéria-prima, que constitui, no sentido rigoroso do termo, o seu ‘OBJETO’ (DE CONHECIMENTO), o qual, desde as formas mais rudimentares do conhecimento, é distinto do OBJETO REAL.”

(Althusser, Pour Marx; Apud Carlos Nelson Coutinho, p. 198)

O conhecimento, em Marx, ao contrário do que apregoa Althusser, é um procedimento materialista – como legatário de Feuerbach – ou, em sua fase ortodoxa, reflexo. Já o estruturalismo, tanto na citação de Foucault quanto na reflexão althusseriana, concebe o conhecimento formalmente idealista e racional. Está

claro que o estruturalismo repudia o materialismo, em favor de um pensar objetivo, a partir de uma representação formal da realidade. Nós mesmos.

Já havíamos sugerido uma aproximação de teses hegelianas com teses estruturalistas. Ou seja, esta representação formal de que nos falam os estruturalistas, nada mais é que o Conceito de Hegel. Como bem explica Godelier, porém abordando o problema da contradição:

“... em Marx, a solução de uma contradição interna à estrutura das relações de produção não é criada pelo desenvolvimento interno dessa contradição. A maior parte das condições dessa solução está no exterior dessa contradição, irreduzível a seu conteúdo.

(p. 113)

“nossa análise exclui a hipótese de uma identidade dos contrários em Marx. Na verdade, semelhante hipótese é inventada por Hegel para DEMONSTRAR QUE HÁ UMA SOLUÇÃO INTERNA PARA A CONTRADIÇÃO INTERNA DE UMA ESTRUTURA.”

(Godelier, p. 114)

Igualmente à tese hegeliana, a tese estruturalista propõe uma identidade dos contrários, solução interna para a contradição interna da estrutura. É isto que nos transmite Lévi-Strauss no texto que mencionamos antes.

É o mesmo Lévi-Strauss que afirma, em Le Cru et Le Cuit (apud Carlos Nelson Coutinho), que “quando uma

contradição aparece, isso é prova de que a análise não foi aprofundada”. A contradição é inerente ao marxismo, aos marxismos, seja quanto ao espaço ontológico seja quanto ao gnoseológico. E ausente ou desnecessária, ou extrapolizadora do universo estruturalista.

A totalidade, no estruturalismo, é formal, abstrata, intelectual, racional. No marxismo clássico, assim como no heterodoxo, ela é real e concreta, “manifestação da realidade humana” (Marx-Engels, p. 23). Daí por que, no processo de conhecimento, o marxismo diz que o sujeito, embora independente do objeto, “*se apropria da realidade*”, a qual é, em seu caso específico, a realidade humana. Por seu turno, o estruturalismo, nas palavras de seu expoente, Lévi-Strauss, mantém, gnoseologicamente, uma relação do pensamento com a realidade – estrutura ideal – estabelecendo, como fez Hegel, reduções de seu objeto:

“A antropologia (estrutural) não faz mais do que tornar evidente uma homologia de estrutura entre o pensamento humano em exercício e o objeto humano ao qual se aplica.”

(apud Carlos Nelson Coutinho, p. 65)

Embora não estejamos acordes com o que o estudioso Carlos Nelson Coutinho propõe, no livro que estudamos, hemos de trazer suas formulações válidas e coerentes para este nosso trabalho. Assim é que, dando continuidade às referências do estruturalismo com relação a Hegel, e seu método de conhecer, transcrevemos algumas de suas observações:

“... o idealismo estruturalista... não é subjetivo, mas objetivo.

(p. 123)

... Que o cientificismo de Lévi-Strauss seja apenas uma nova versão do idealismo objetivo, é algo que ele próprio nos revela quando aceita a classificação do método estrutural, feita por Paul Ricoeur, como ‘um kantismo sem sujeito transcendental’”

(p. 123)

A ‘coisa em si’ kantiana, o que existiria fora da consciência subjetiva, não é mais a realidade concreta (o que abriria campo para o materialismo) e sim um ‘pensamento objetivado’.”

(p. 125)

Concluindo o raciocínio, transcreveremos o mesmo Carlos Nelson Coutinho, em citações de Foucault e Lévi-Strauss:

“NÃO PRETENDEMOS MOSTRAR COMO OS HOMENS PENSAM NOS MITOS, MAS COMO OS MITOS SE PENSAM NOS HOMENS E APESAR DELES... DE CERTO MODO, OS MITOS SE PENSAM ENTRE SI.”

(Lévi-Strauss, Le Cru et le Cuit, apud... pp. 125-126)

“Os códigos fundamentais de uma cultura... FIXAM previamente, para cada homem, as ordens empíricas com as quais entrará em contato e nas quais se reencontrará... Esse a priori é o que,

numa dada época, recorta na experiência um campo do saber possível, DEFINE o modo de ser dos objetos que nele aparecem...”

(Michel Foucault, Les Mots et Les Choses, apud... p. 148)

Para quem não leu O ESTRUTURALISMO E A MISÉRIA DA RAZÃO, informamos que, ainda com todas estas identidades que demonstramos do Estruturalismo e Hegel, Carlos Nelson Coutinho os pensa diferenciados.

2. Marxismos

Sabemos que há mais de um Marxismo, como há mais de um Estruturalismo. Tomamos, porém, o segundo no singular, atribuindo-lhe suas características básicas e comuns, e o primeiro no plural, de forma a que fiquem explicitadas suas diferenças e identidades com a postura do mundo estrutural.

O Marxismo, ou ismos, evidentemente, poderiam ser considerado(s) uma fase dentro da História da Filosofia, e, nesse ponto, o Estruturalismo seria uma etapa posterior do Pensamento Humano Universal. Por que não se constitui desta forma? À fala de Wittgenstein, para quem a atividade deveria substituir a doutrina, nós poderíamos acrescentar a de Marx, que incita os filósofos, não mais a interpretar mas a transformar o mundo. E a estas vozes se juntariam muitas outras. O coro estrutural compreende – quer compreender – o mundo. “O estruturalismo”, voltamos com Lepargneur,

“é teoria ou compreensão da descontinuidade no mundo, como o historicismo ou o evolucionismo

pretendiam ser teorias ou compreensão da continuidade do fenômeno, ou melhor, do fenômeno como continuidade.”

(p. 9)

O Estruturalismo, todo ele, implica esta compreensão, como o Marxismo, todo ele, enquanto historicista, implica na compreensão do fenômeno como continuidade, dentro do ângulo em que estudou a escravatura, a sociedade burguesa, em direção a uma sociedade sem classes, ou comunismo.

Os Marxismos, seguindo a ótica do filósofo Juan António Nuño, são três: CLÁSSICO, ORTODOXO e HETERODOXO.

No Marxismo clássico, o homem representa uma força propulsora, um motor, sujeito-agente, sujeito-criador da e na Natureza. Trata-se de uma doutrina materialista e historicista. Encontramos, implicitamente, uma mobilidade histórico-temporal, a ação humana realizando a História Mundial. Uma carta de Engels a J. Bloch, de 21 de setembro de 1890, apresentada pelo filósofo venezuelano, resume as teses axiais desta doutrina:

“Según la concepción materialista de la historia, el elemento determinante de esta es, en definitiva, la producción y reproducción en la vida concreta. Ni Marx ni yo hemos afirmado algo más allá de esto. Si, por consiguiente, alguien retorciera tal declaración y dijera que el elemento económico, en consecuencia, es el único elemento determinante, la estaría transformando en una frase abstracta, absurda y carente de sentido. LA SITUACIÓN ECONÓMICA ES LA BASE, pero los diversos elementos de la

superestructura: formas políticas de la lucha de clases y sus consecuencias; constituciones establecidas por la clase victoriosa tras una batalla con buen éxito, etc; formas legales y hasta los reflejos de tales luchas reales en la mente de los combatientes; las teorías políticas, legales y filosóficas, las ideas religiosas y su ulterior desarrollo en sistemas de dogmas, también ejercen su influjo sobre el curso de las luchas históricas y, en muchos casos, PREDOMINAN PARA determinar su forma. HAY UNA INTERACCIÓN DE TODOS ESTOS ELEMENTOS EN LA QUE... el movimiento económico se afirma finalmente como necesario. De no ser así, la aplicación de la teoría a cualquier período de la historia que uno eligiera sería más fácil que resolver una simple ecuación de primer grado."

É o que se chama, com Marx-Engels, eficiência histórica. A dialética marxiana clássica é aquela que admite uma interação aberta, múltipla e completa, com o todo interagindo, admissível inclusive que a superestrutura predomine, embora a base seja sempre econômica. É neste aspecto que o marxismo ortodoxo vai diferir do clássico, invertendo apenas as posições do materialismo histórico e do dialético. No marxismo clássico, o materialismo histórico e o materialismo dialético se encontram, graças ao encadeamento histórico do Homem que o leva a agir na Natureza. De acordo com a carta de Engels, tanto é possível que a superestrutura predomine quanto a infra-estrutura, conformando, destarte, *mutatis mutandis*, a estrutura. Distancia-se do Estruturalismo (vide nossa citação, neste estudo, de Foucault, à

página 23). O Estruturalismo, igual ao marxismo ortodoxo, supõe uma relação de dependência entre a Natureza e a História, isto é, a superioridade do materialismo dialético face ao materialismo histórico, condicionando este àquele. No marxismo clássico, o homem age modificando a Natureza; no marxismo ortodoxo, a Natureza é mais forte, e prevalece. Embora o marxismo clássico compreenda que a superestrutura possa predominar, ele inclui o homem com poder para transformar a natureza, e se transformar ele mesmo. Reside justamente na orientação ortodoxa do marxismo o chamado Estado totalitário de esquerda, estatizante, e do qual não se pode dizer tratar-se de ditadura do proletariado.

Isto posto, no marxismo ortodoxo,

"... el hombre no reconoce a la logia como su producto y se somete a ella en tanto objeto;..."

(Juan Antonio Nuño, pp. 263-264)

Ratificando ainda as coincidências do Estruturalismo com o marxismo ortodoxo, veremos que, uma vez condicionado o materialismo histórico pelo dialético,

"La dialéctica queda así petrificada en un sistema universal en el cual el proceso histórico aparece como un proceso natural."

(Herbert Marcuse, Soviet Marxism, apud Juan Antonio Nuño, p. 263)

"...lo que para Marx eran términos sinónimos (materislismo histórico y materialismo dialéctico...), se convierten luego en términos separados con una relación de dependencia interna de

mayor (materialismo dialéctico) a menor (materialismo histórico). Esto trajo consigo, ..., el levantamiento de un sistema filosófico total que encierra a la historia como una de sus partes y que arranca de una visión global del mundo de tipo naturalista... ejemplo filosófico de las consecuencias de tal inversión: LA SUPERESTRUCTURA FILOSÓFICA SE NATURALIZA TAMBIÉN, ESTO ES, SE UNIVERSALIZA..."

(Juan Antonio Nuño, p. 263)

Da mesma forma o Estruturalismo, na pessoa de Althusser, reconhecido como tal por Lepargneur,

"abandona a adequação dialética entre 'coisa em si' e conceito, em favor de uma coerência 'IMANENTE' (o grifo é nosso) da natureza formalista... Althusser substitui o critério da prática real por uma 'prática' puramente imanente."

(Carlos Nelson Coutinho, p. 201)

De sua parte, Lévi-Strauss entende o 'inconsciente' uma "entidade objetiva, uma positividade em si" (CNC, p. 89). Mais adiante, Carlos Nelson Coutinho, em alusão aos textos straussianos e foucaultianos, sintetiza que ambos,

"Lévi-Strauss quanto Foucault afirmam a existência de um nível mental mais profundo, 'inconsciente' ou

'arqueológico', ao qual estaria submetida a realidade empírica, ou seja, o pensamento e a vida social dos homens concretos."

(p. 147).

Em outras palavras, nós diríamos que este 'inconsciente' e este 'nível arqueológico' representam a superestrutura que se universalizou, ao constituírem realidades independentes e superiores à realidade humana prática. No que coincide com o marxismo ortodoxo.

"...Ao tema da ideologia, Althusser une outro de grande importância na sua doutrina: o da superdeterminação do real pelo imaginário. A lei da passagem de uma estrutura para outra se encontra, para althusser, no conceito da superdeterminação... os verdadeiros sujeitos da economia não são homens concretos, mas 'a definição e a distribuição das funções' num sistema social. O centro da economia está fora da pessoa humana, numa realidade estrutural que a teoria deve elucidar."

(Lepargneur, p. 100)

Quando ele faz menção à definição, à teoria, nós facilmente somos levados a pensar o conceito de Hegel. A distribuição das funções, porém, recai na tese marxiana clássica da divisão do trabalho, fonte histórica por excelência. No marxismo clássico,

“O trabalho é antes de tudo um ato que decorre da relação entre o homem e a natureza. O homem representa, ele próprio, diante da natureza, o papel de uma força natural. ...O nosso ponto de partida é o trabalho sob uma forma que pertence exclusivamente ao homem.”

(O CAPITAL, Marx, in Marx-Engels, p. 27)

Em Althusser, como no marxismo ortodoxo, o trabalho é a utilização técnica da natureza, sem aquele caráter de ‘praxis’, de “apelo ao fazer”.

Ademais, no domínio gnoseológico, é a teoria do reflexo que vinga no marxismo ortodoxo, e corresponde à explicação, por Lévi-Strauss, da significação dos mitos. A teoria do reflexo implica, até certo ponto, numa causalidade linear, a partir do momento em que o conhecimento é reflexo da realidade material.

“... en Lenin (el concepto de materia) vendrá a ser equivalente de ‘realidad objetiva’;... no se trata de una realidad objetiva cualquiera (...) sino ‘la realidad objetiva dada al hombre en sus sensaciones’. Dicha realidad objetiva material, en tanto fondo, es permanente, aunque puede variar su forma o estructura, lo cual permite explicar el paso de un estado material a outro.”

(Juan Antonio Nuño, p. 265, nota de rodapé)

Este reflexo da realidade, como processo de conhecimento, torna este antidialético, por conseguinte inflexível, contraditando o que Karl Marx expôs, ao analisar o conceito de eficiência histórica. A

teoria do reflexo adequa-se com precisão à explicação da significação dos mitos dada por Lévi-Strauss, em Le Cru et Le Cuit:

“... os mitos significam o espírito, que os elabora por meio do mundo do qual ele mesmo faz parte. Assim, podem ser engendrados, ao mesmo tempo, os próprios mitos pelo espírito que os causa, e, pelos mitos, uma imagem do mundo já inscrita na arquitetura do espírito. Retirando sua matéria da natureza, o pensamento mítico procede com a linguagem, que escolhe os fonemas entre os sons naturais cujo balbucio fornece-lhe uma gama praticamente ilimitada...”

(Apud Carlos Nelson Coutinho, p. 126)

Ausente, portanto, tanto no Estruturalismo como no marxismo ortodoxo, o momento ativo do conhecimento, que Karl Marx postulou tão enfaticamente em sua obra.

Vejam, antes da apresentação superficial do marxismo heterodoxo, mais alguns pontos comuns do Estruturalismo e do hegelianismo. Escreve o mesmo Lévi-Strauss, citado pelo autor de O ESTRUTURALISMO E A MISÉRIA DA RAZÃO (p. 126):

“A matéria é o instrumento, não o objeto da significação. Para que ela se preste a esse papel, é antes preciso empobrecê-la: não reter senão dela um pequeno número de elementos próprios a expressar contrastes e a formar partes de oposições.”

Citando Garaudy, diz Lévi-Strauss que

“o objeto do mito é o fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição.”

E o mestre francês raciocina que ele

“sugere que o modelo é passível de redução ao conceito, quando de fato o mythos é irreduzível ao logos.”

(p. 169)

Nós temos o texto straussiano, o qual revela, explicitamente, a necessidade de empobrecer a matéria para que ela seja instrumento de significação. Isto mantém transparente o postulado estruturalista de redução, próprio de Hegel. E “A IMAGEM DO MUNDO JÁ INSCRITA NA ARQUITETURA DO ESPÍRITO” diz tanto da teoria do reflexo quanto da história em sentido hegeliano. Afora a tentativa, por intermédio de um modelo lógico, de “resolver uma contradição”, o que equívale à identidade dos contrários, ainda em Hegel.

Perguntamos: por que Estruturalismo e marxismos? Porque os marxismos compõem sistemas filosóficos diferentes, ao passo que o Estruturalismo, apesar de conter estruturalismos, com caracteres que são singulares, constitui um sistema único, e sua variabilidade reside apenas em enfoques de adaptação a ciências diferentes. Em suma, o Estruturalismo é um só, se bem que haja o estruturalismo marxista, o antropológico; o genético, existencial e científico; o metodológico e o sistemático. As ciências vislumbram e exploram um tipo de estruturalismo, na medida de seu objeto disciplinar específico. Os marxismos, não, estes diferem em seus cernes, em suas noções basilares, como método ou como concepção do mundo.

2.1 – Marxismo Heterodoxo

Lukács é seu cérebro, dentre outros. Este marxismo põe em relevo, mais do que uma questão epistemológica, a tradicional ontologia. Mas como?... Não se trata de um retrocesso, tampouco de um revisionismo deformado. O problema de que se ocupa o marxismo heterodoxo é o da alienação primordialmente, ou seja, a análise do ser, para que se separe a aparência da essência. Contra a concepção de validade, que se impõe à lógica formal universal da ortodoxia marxista, vem a verdade se destacar no universo da heterodoxia marxista. Lukács retoma os preceitos marxianos da alienação e elabora uma revisão do marxismo clássico, sem, no entanto, deturpá-lo.

Diz Juan António Nuño que:

“Según las ideas capitales de la tesis filosófica de Lukács, el marxismo en tanto doctrina gnoseológica establece que las ideologías son formas inferiores de verdad, pues se ocupan sólo de establecer la aparente verdad del mundo real o empírico inmediatamente dado. Parten del mundo tal y como es y tratan de explicarlo, mediante su reducción a un esquema de leyes científicas o de conjeturas especulativas sobre su composición.”

(p. 270)

Lukács critica a explicação do mundo mediante sua redução a esquema de leis científicas (estruturalismo) ou mesmo o psicologismo simplista, e o sociologismo. Adotando esta linha, a aparência é concebida como realidade, e

“... El resultado es que el ser humano queda dividido en dos: su conciencia, esto es, lo que piensa que hace, y su existencia, es decir, lo que realmente hace”, explicam os marxistas hererodoxos.

(Juan Ant3nio Nu3o, p. 271)

“...en Lukács, la teoría filos3fica dualista de la verdad, una verdad incompleta, correspondiente a la ideología enajenante, y otra total, (propia de la conciencia proletaria) se complemente com una teoría social acerca de la capacidad activa de la conciencia sobre la realidad hist3rica a la que se aplica por medio de la praxis.”

(Juan Ant3nio Nu3o, p. 272)

Confrontaremos, para demonstrar a fidelidade do marxismo heterodoxo ao marxismo clássico, os textos de Marx e Engels, com os acima transcritos, ao mesmo tempo em que tentaremos, no mesmo prop3sito, traduzir a aliena33o marxiana.

Ao comparar, por exemplo, a consci3ncia e a exist3ncia, Lukács introduz o conceito de aliena33o, em uma primeira acep33o: o hiato entre o SER e o FAZER.

“O que est3 à minha disposi33o por meio do dinheiro, o que posso comprar, ou seja, o que o dinheiro pode comprar, isso sou eu, o possuidor do dinheiro. O meu poder é t3o grande como o do dinheiro. As suas qualidades s3o as minhas – do

possuidor – qualidades e potencialidades. Portanto, o que sou e posso fazer de modo algum se acha determinado pela minha individualidade”, escreve Karl Marx.

(Marx-Engels, p. 65)

A aliena33o é este existir fora e em choque com a pr3pria consci3ncia, por for3a da a33o do dinheiro, do ter. Sob uma aparente exist3ncia como sujeito, o indivídúo passa à condi33o real de objeto de manipula33o pelo capital. E continua, sob este ângulo das teses marxianas, isto é, a aliena33o, um distanciamento do Estruturalismo. A aliena33o consiste neste abismo que se faz entre o “eu” e o “ato”, entre a consci3ncia e a exist3ncia, como as entenderam Karl Marx e Lukács. Consequentemente, a aliena33o se acha no domínio ontol3gico de sua filosofia, ao contr3rio da “aliena33o” estruturalista. O capital, em Marx, é aquilo que aliena o homem. Nos estruturalistas, o capital é aquilo que serve de meio para o conhecimento.

“Como Althusser, (Maurice Godelier) analisou o capital de Marx, do ponto de vista da epistemologia, ‘isto é, da an3lise dos processos e instrumentos abstratos utilizados pelo conhecimento científcico, racional, em economia polítca.’”

(Lepargneur, p. 91)

Mais adiante, na página 93, Lepargneur diz que

“Godelier evidenciou que, como Lévi-Strauss, Marx desconfia das ‘estruturas aparentes’, para traduzir as estruturas

que realmente explicam a realidade (as estruturas do estruturalismo não são visíveis, são modelos racionais construídos)...”

Sem sombra de dúvida, tanto Marx quanto Lévi-Strauss, ou os estruturalistas em geral, observaram e estudaram as estruturas aparentes e reais, salientando sua contradição. Abrange Marx, porém, um nível que inexistia no Estruturalismo: o da ontologia. Além disso, sendo o marxismo humanista, acresce o primeiro às suas teses a atualização aristotélica do “eu”, pela “superação”. Althusser pretende que Marx, na terceira fase que o insere, em sua classificação do humanismo marxiano, abandonou esta postura a partir de 1845. Nós somos contrários a Althusser. Marx não descuidou desta dissociação entre a consciência e a vida, tampouco foi anti-humanista, nesta terceira fase de seu esquema. Em A IDEOLOGIA ALEMÃ (escrita com Engels, em 1845-1846) e em A SAGRADA FAMÍLIA (escrita em 1845), Marx retoma os mesmos princípios e expõe as mesmas idéias, com outras palavras, que enfatizam seu humanismo e sua compreensão da alienação. Independe de fase de sua vida, ou de sua obra, a acepção de alienação. Nós tentaremos apresentar que, em Marx, há mais de uma acepção de alienação, porém sem que haja datas fixando cronológica ou idealmente estes enfoques. Conhecemos também o fato de que o conceito de ‘essência’ em Marx é bastante controverso, o que não impede que tenha objetivado a idéia sem fazer uso do termo**.

** “A respeito do ‘humanismo’, Althusser distingue três etapas na vida de Marx: 1) uma fase humanista: defesa do homem como ‘liberdade e razão’, contra o despotismo prussiano; 2) uma fase feuerbachiana, correspondendo ao uso da palavra ‘alienação’: o homem é um ser comunitário, isto é, sua liberdade e razão desenvolvem-se nas relações com a sociedade e a natureza...; 3) a partir de 1845,...: não existe ‘essência’ do homem, o humanismo é uma ilusão; nasce o

Em A SAGRADA FAMÍLIA temos que:

“(as massas de operários) Sofrem muito dolorosamente a diferença entre o ser e o pensamento, entre a consciência e a vida. Sabem que a propriedade, o capital, o dinheiro, o trabalho assalariado, etc., não são simples quimeras, mas produtos inteiramente reais, inteiramente tangíveis da sua alienação e que, por conseguinte, devem ser suprimidos de uma maneira real, tangível para que não só no pensamento e na consciência, mas também na sua existência de massa, na sua vida, o homem se torne homem.”

(Marx-Engels, p. 9)

Encontram-se aí, perfeitamente nítidos, elementos do humanismo e da alienação marxianos. O homem, como força criativa, e a superação aí tácita, supõem a dissociação entre o ser e a existência das massas. A divisão do trabalho, a propriedade privada (e suas implicações de posse, possuidor e o ter),

“A concentração exclusiva do talento artístico em alguns indivíduos e sua conseqüente supressão nas grandes massas representam o resultado da divisão do trabalho. ...Numa organização de sociedade comunista, não há pintores; quando muito, há pessoas que entre outras coisas pintam.”

(Marx-Engels, p. 88)

marxismo como anti-humanismo teórico.” (Lepargneur, nota de rodapé, pp. 98-99)